



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU –
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FRANCÊS**

HELOISA MAZZA COSSI

**FRANÇOISE EGA: O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE
FRANCÊS INSTRUMENTAL**

Rio de Janeiro

2026

HELOISA MAZZA COSSI

**FRANÇOISE EGA: O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE FRANCÊS
INSTRUMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientador(a): Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos.

Rio de Janeiro

2026

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C836 Cossi, Heloisa Mazza
 Françoise Ega : o texto literário no ensino de francês instrumental /
 Heloisa Mazza Cossi. – Rio de Janeiro, 2026.

 29 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de
 Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
 Extensão e Cultura.

 Orientador: Edmar Guirra dos Santos.

 1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Ega, Françoise, 1920-1976.
 3. Texto literário. 4. Língua francesa - Francês instrumental. I. Santos,
 Edmar Guirra dos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 440

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

HELOISA MAZZA COSSI

**FRANÇOISE EGA: O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE FRANCÊS
INSTRUMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês

Aprovado em abril de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos
Colégio Pedro II
Orientador

Prof. Dr. Luciano Passos Moraes
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2026

RESUMO

COSSI, Heloisa Mazza. **Françoise Ega: o texto literário no ensino de francês instrumental**. 2026. Trabalho de conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

O presente trabalho visa discutir o papel do texto literário no ensino de Francês Instrumental. Tem-se como proposta de escopo as aulas de compreensão leitora, que atende aos alunos dos cursos noturnos de graduação nas Disciplinas Integradas de Humanidades do Colégio Pedro II. Primeiramente, trataremos de analisar o termo “francês instrumental” e confrontá-lo com outros mais recentes. Em seguida, faremos um breve apanhado da obra *Lettres à une Noire*, da autora martinicana Françoise Ega, descortinando em que sentido tanto a figura da autora, enquanto mulher negra, periférica e estrangeira, quanto sua obra podem ser uma ferramenta potente na aula de compreensão leitora em francês. Além disso, pretende-se investigar de que forma o referido livro pode ter implicações profundas com a cultura brasileira, podendo ser um instrumento de formação pedagógica para tais leitores em língua estrangeira que serão, em breve, professores. Por fim, apresentaremos uma proposta de atividade, tentando alinhar o que fora discutido previamente nos capítulos anteriores deste trabalho.

Palavras-chave: Françoise Ega; texto literário; francês instrumental; ensino de Francês.

RÉSUMÉ

COSSI, Heloisa Mazza. **Françoise Ega: o texto literário no ensino de francês instrumental**. 2026. Trabalho de conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Ce travail vise à discuter le rôle du texte littéraire dans l'enseignement du français instrumental. Il s'inscrit dans le cadre des cours de compréhension écrite destinés aux étudiants des cursus des Disciplines Intégrées des Humanités du Colégio Pedro II. Dans un premier temps, nous analyserons le terme « français instrumental » pour le confronter à d'autres notions plus récentes. Ensuite, nous proposerons un bref aperçu de l'œuvre *Lettres à une Noire* de l'autrice martiniquaise Françoise Ega, en mettant en lumière en quoi la figure de cette dernière, en tant que femme noire, périphérique et étrangère, ainsi que son œuvre, peuvent constituer des outils puissants dans le cadre d'un cours de compréhension écrite en français. Par ailleurs, nous chercherons à déterminer de quelle manière cet ouvrage peut entrer en résonance avec la culture brésilienne, devenant ainsi un instrument de formation pédagogique pour ces apprenants en langue étrangère, qui seront bientôt enseignants. Enfin, nous présenterons une proposition d'activité visant à connecter les éléments discutés précédemment dans les chapitres de ce travail.

Mots-clés: Françoise Ega; texte littéraire; français instrumental; enseignement de français.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CONTEXTUALIZAÇÃO E USO DA TERMINOLOGIA “FRANCÊS INSTRUMENTAL”	9
2.1.	Os gêneros textuais comumente presentes nas aulas de francês instrumental	11
2.2.	O texto literário no ensino de francês	12
2.3.	Textos objetivos e subjetivos: uma suposta querela	13
3	<i>LETTRES À UNE NOIRE</i>, DE FRANÇOISE EGA: UM IMPERATIVO	16
3.1.	Carolina de Jesus e Françoise Ega: a construção de outros símbolos através da leitura	19
3.2.	Conhecendo Mam’Ega em sala de aula: uma proposta de atividade	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Aula de graduação, um público a partir de 18 anos ou mais velho, alunos cansados, em sua maioria sem nunca terem tido contato com o francês, vendo-se diante da coerção de aprender a ler numa língua nunca antes estudada; eis a configuração daquilo que se chama - e chamaremos também aqui - de aula de francês instrumental (doravante FI, sempre que se tratar do termo estudado e não da disciplina ofertada). Um público já escolarizado, em idade adulta, que traz consigo, como qualquer outro, suas experiências de vida. Porém com um diferencial dos mais novos: muitos deles já ingressaram no mercado de trabalho e guardam histórias dessas relações profissionais hierarquizadas pelos polos *patrão x empregado*.

Factualmente, essa relação pode ocorrer em meio a tensões. No entanto, em outros momentos, essas rugas se revelam como algo maior, indicativo de uma sociedade que criou um sistema escravocrata, foi forjada por ele e ainda hoje tenta, na prática, postergar o seu fim, de diversas maneiras.

Portanto, a escolha do livro que trazemos, *Lettres à une Noire (Cartas a uma negra)*, de Françoise Ega, não se fundamenta apenas pela necessidade de estudar o francês, mas, sim, pela urgência de trazer textos que dialoguem com a realidade dos alunos, seja a realidade do que eles vivem, seja a do que observam, do contexto em que todos nós nos encontramos. Trazer esse texto significa insistir que Carolina de Jesus deve permanecer na sala de estar, através do texto de Françoise Ega. Apresentar a ligação entre as obras das duas autoras na aula de FI tem por objetivo mostrar o alcance que a escrita tem, sobretudo a literária.

Assim sendo, apresentar textos literários com os quais há tamanha identificação para um modelo de aula que tenta evitá-los em detrimento de uma pretensa objetividade questiona até que ponto a literatura também não pode ser assertiva e objetiva, uma vez que ela pode engajar os leitores a querer ler mais e, nesse caso, atingir seu objetivo de motivá-los a estudar outra língua.

A escolha de ensinar compreensão leitora em francês dá-se diante do desejo de apresentar *Lettres à une Noire* a um público propenso a já ter vivenciado ou ouvido de seus próximos o que a autora relata. Durante o período que morou em Marselha, no sul da França, Françoise Ega conheceu as dificuldades de ser uma mulher negra que, apesar de sua formação como datilógrafa, viu-se diante da

necessidade de trabalhar como faxineira, tal qual Carolina Maria de Jesus viu-se diante da necessidade de trabalhar como catadora de papel e outros materiais. Tais relatos, ao se cruzarem em sala de aula, têm o objetivo de propor uma reflexão ao estudante, questionando se experiências como essas lhe são familiares, seja por já tê-las vivido, seja por tê-las ouvido de suas e de seus próximos.

No entanto, propor trabalhar tais textos com um público avançado, com um bom desempenho linguístico, parece pouco desafiador e, sobretudo, fora da realidade do que se vive no contexto brasileiro. Por isso, escolhemos refletir sobre o uso de tal texto em um ambiente tendo indivíduos já em idade adulta, porém sem necessariamente ter tido contato prévio com a língua.

Diante da necessidade de refletir sobre essa proposta de modo mais concreto, pensamos em situá-la na disciplina de Francês Instrumental I e II, dentro das Disciplinas Integradas em Humanidades dos cursos de graduação do Colégio Pedro II: Ciências Sociais, Filosofia, Geografia e História, ministrada no *campus* Realengo. Estudar francês no espaço do *campus* - situado na periferia da cidade do Rio de Janeiro e frequentado, em sua maioria, por alunos de espaços de pouco prestígio social - é, certamente, uma forma de aproximar esse público de uma língua tão distante da sua realidade. Sobretudo em uma cidade tão violenta e em débito com a periferia em muitos aspectos, trata-se de transformar o público - de pele não tão alva - que é apenas alvo de violências múltiplas em um público-alvo de políticas linguísticas esperançosas.

Desse modo, queremos, no dizer popular, *pescar fora do aquário*, sem pretender contar com o suposto êxito em compreender os textos que tal redoma dos níveis mais avançados nos propõe e entendendo que há um mar de ações possíveis, em turmas nem sempre balizadas pelo Quadro europeu comum de referência para as línguas (*Cadre européen commun de référence pour les langues*).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO, ESCOLHA E USO DA TERMINOLOGIA “FRANCÊS INSTRUMENTAL”

Ensinar francês em uma turma de alunos com um nível de idioma heterogêneo pode ser entendido como um desafio. Mesmo ao propor trechos pequenos, lidar com textos noutra língua pode desencadear um certo medo do desconhecido. Além disso, trabalhar com leitura pode revelar problemas de compreensão que perpassam a própria língua materna e que a língua estrangeira apenas irá tornar mais latente.

Mas se tal escolha traz obstáculos, há que se recordar do fato de que ela também é capaz de desvelar facilidades. Uma das vantagens da compreensão leitora em francês é o fato de que há algumas semelhanças com nossa língua materna, o português. Esse fato também é revelador do motivo de esse ramo de trabalho na área do francês ter se difundido mais facilmente nas universidades da América do Sul. E antes de nos lançarmos à discussão sobre a pertinência de estudar um texto literário na aula de Francês Instrumental, é necessário definir o que entendemos por esse termo e por que o escolhemos em detrimento de outros.

Com a grande cisão do século XX entre Estados Unidos e União Soviética, os países aliados à nova potência de língua inglesa, incluindo os da América Latina, aliaram-se não só aos seus ideais, mas também ao seu idioma (Faleiros, 2005). Nesse contexto, a língua dos enciclopedistas, sendo esta a representante das manifestações culturais e artísticas, foi perdendo espaço para uma nova realidade linguística (Pietraróia, 2011). Com tal retração, também recuaram os investimentos no exterior, sendo, então, necessário se reinventar. Como consequência dessa necessidade, por volta de 1970, Brasil e Chile experimentaram o desenvolvimento de algo chamado FI (Faleiros, 2005, p. 2). A nova técnica crescia no meio acadêmico, a partir de uma demanda específica. Nas palavras de Faleiros (2005, p. 2): “tratava-se de alunos de instituições de ensino superior [...], cuja necessidade principal era ler textos acadêmicos em francês para o desenvolvimento de sua pesquisa.” Sendo assim, essa nova forma de ensinar uma antiga língua conseguiu se consolidar nas instituições de ensino superior dos países latinos por conta da proximidade entre as três línguas românicas em questão: espanhol, francês e português.

No mais, a crise que afetou o francês, antes entendido como uma língua que

era estudada anos a fio e que contava com investimentos em sua difusão, fez com que a interação entre os atores precisasse ser repaginada:

O caráter pragmático e emergencial do seu surgimento define o contorno de cursos desse tipo. A noção de utilidade, de informatividade prevalece sobre o valor cultural e sobre a eventual fruição estética do aprendizado da língua francesa. Em tempo de crise, é necessário definir prioridades (Faleiros, 2005, p. 3).

No entanto, com o passar dos anos e com uma maior mobilidade internacional, os estudantes que antes centravam seus esforços na leitura dos textos específicos de suas respectivas áreas passaram a se interessar também pela vivência do francês nos países francófonos como um todo. Deste modo, dentro do âmbito do ensino de *français langue étrangère* (FLE), surge algo com um foco mais preciso que o FI: o *français sur objectif universitaire* (FOU) (Abreu, 2018). Mas antes de prosseguirmos, cabe fazer um adendo muito caro a este trabalho, o de que aqui citamos o termo *français langue étrangère* (FLE) com vistas a pensá-lo criticamente; centraremos nossos esforços em trabalhar em prol do ensino de Francês pelo motivo relatado por Dezerto (2016, p. 109): “o surgimento do FLE realiza-se como ação do Estado francês, por meio de seus aparelhos voltados para a educação e a diplomacia, incidindo sobre o ensino de francês pelo mundo”. Visto que não temos nenhum vínculo com a difusão da língua a serviço da França, chamaremos, então, de ensino de Francês.

Esta proposta pode ser vista como uma ramificação do *français sur objectifs spécifiques* (FOS). Afinal, o FOU pretende auxiliar estudantes em mobilidade estrangeira a se adaptarem plenamente a outra realidade que estarão prestes a viver, inclusive em termos burocráticos, engajando o corpo docente em uma parceria com as instituições que os receberão. Em contrapartida, os textos de FI têm um caráter menos específico, ensinando o francês por meio de textos que poderiam estar em aulas de língua através de uma abordagem mais geral.

No entanto, ainda que essa nomenclatura seja mais atual, as aulas de FI nos cursos de graduação do Colégio Pedro II não se enquadram nessa definição do FOU. Trata-se, sobretudo, de um estudo do francês através de textos mais abrangentes, não estando atrelados à mobilidade estudantil para países estrangeiros francófonos, uma vez que a graduação na instituição ainda não oferece essa possibilidade. Outro termo, então, poderia ser usado em substituição ao FI,

conforme informado a seguir.

De acordo com Costa (2015, p. 13), é aconselhável utilizar o termo “práticas de leituras em francês” (tradução livre de “pratiques de lectures en français”) ou, de acordo com a própria ementa mais recente do curso da Universidade Federal de São Paulo (USP, 2025), “práticas de leitura em Francês”, estando a palavra “leitura” no singular. Já na ementa do mesmo modelo de curso, mas na Universidade Federal do Ceará (UFC, 2025), utiliza-se a nomenclatura “compreensão leitora em Língua Francesa”.

Como se pode notar, há vários termos relacionados a tal formato de curso. Todavia, mesmo tendo em vista a breve explanação que acabamos de fazer, utilizaremos o termo FI e não qualquer outro. Pretende-se, com isso, estabelecer uma coerência terminológica com a ementa do curso oferecido no Colégio, que assim o nomeia, de acordo com documento disponibilizado internamente¹ (Colégio Pedro II, 2022).

2.1. Os gêneros textuais comumente presentes nas aulas de francês instrumental

Tendo por base a seção *metodologia* da ementa do curso de Francês Instrumental do Colégio Pedro II, pretendemos mostrar os gêneros textuais recomendados para ensino da língua, distribuídos ao longo de quinze encontros presenciais.

Segundo a justificativa da ementa do Colégio Pedro II, sua escolha se dá em função da:

noção de progressão que eles encerram, noção essa que vem a propósito da seleção dos tipos de texto (PETITJEAN, 1989; ADAM, 2001) que se considera, *a priori*, adequados ao curso — os textos descritivos, instrucionais, expositivos, narrativos e argumentativos. Apesar das indicações do plano de ensino, pode-se afirmar que a triagem de gêneros também captará a organicidade das aulas, visto que deverá responder à confluência das necessidades da disciplina e dos interesses dos estudantes (Colégio Pedro II, 2022, p. 2).

De modo a facilitar a percepção sobre os tipos e gêneros textuais escolhidos, propomos uma sistematização através da tabela a seguir.

¹ Documento interno, gentilmente cedido pelo professor Daniel Vilaça, que concebeu e atuou na primeira ocasião do oferecimento dessa disciplina em 2023.

Tabela 1 - Tipos e gêneros textuais sugeridos na ementa do curso de Francês Instrumental I e II dos cursos de graduação do Colégio Pedro II

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
Descritivos	anúncio publicitário, anúncio classificado, relato.
Instrucionais	convite, itinerário, regulamento institucional, boletim meteorológico, mapa, receita culinária, manual de instrução
Expositivos	verbete de dicionário/enciclopédia, sinopse, reportagem
Narrativos	mito, notícia, <i>fait divers</i> , relato pessoal e relato histórico
Argumentativos	artigo de opinião, resenha, ensaio

Fonte: A autora, 2026

Como podemos notar, há uma variedade de textos propostos, tanto em relação aos tipos, quanto aos gêneros. Vale ressaltar também que o tempo destinado ao ensino do idioma nessa modalidade pode ser considerado relativamente curto, em comparação a outros moldes de cursos.

Diante de tal constatação, vemos nessa variedade o desejo de enriquecer o repertório textual dos alunos. Vale observar que o texto literário não consta da tabela: por mais diversos que sejam os gêneros textuais trabalhados, o componente literário não figura nem mesmo entre os textos narrativos.

2.2. O texto literário no ensino de francês

Como um desdobramento do que acabamos de mencionar, é necessário dizer que, diante da aprendizagem da língua adicional, poucos manuais de ensino trazem a literatura como ponto de partida. Quando o fazem, em geral ela é encontrada nos manuais voltados a estudantes de um nível linguístico mais elevado. A mensagem subjacente é nítida: não leia literatura se você está apenas começando a estudar o idioma. Em outras palavras: o texto literário não é para principiantes.

Para endossar tal averiguação, contamos com estudo de Mariz (2008, p. 100): “na análise sobre a presença da literatura nos métodos de FLE, é possível constatar que, ainda hoje, não obstante uma grande variedade, os manuais de língua ainda apresentam o texto literário somente nos níveis mais elevados da aprendizagem”. Por trás dessa mensagem, encontramos uma sacralização da literatura, tal qual um distanciamento dos estudantes, sobretudo dos iniciantes. Porém, nosso intuito ao longo destas linhas é caminhar na contramão e trazer a literatura como uma possibilidade não somente em sala de aula, como, sobretudo, de modo mais específico, na aula de FI. Afinal, conforme nos alertam Faleiros e Pietraróia (2007, n.p): “separar a literatura da cultura e privar o aluno do contato com os textos literários são, portanto, duas das muitas incongruências que marcam o ensino da leitura, principalmente em língua estrangeira.”

Inclusive, exatamente por isso, gostaríamos de reforçar o que fora dito no subcapítulo anterior sobre o uso do termo FI: “a terminologia empregada acabou por traduzir um caráter bastante pragmático dos cursos que denomina [...]” (*ibid*, n.p) por isso se propõe “o fim da nomenclatura ‘instrumental’ e adoção do termo ‘ensino de leitura em língua estrangeira’”. (*ibid*, n.p).

De acordo com o que já explicamos, por mais que outras terminologias estejam ocupando o espaço do FI, seguimos usando-a com o intuito de estabelecer um vínculo com a ementa do curso.

2.3. Textos objetivos e subjetivos: uma suposta querela

Mediante a necessidade de trabalhar a competência leitora do aluno, nosso ímpeto, enquanto professores, é cercá-lo da maior variedade de gêneros textuais possível. Por isso, é comum observar uma preocupação em geral dos cursos e dos métodos de língua estrangeira em estar recheados de textos escritos, autênticos ou não, como e-mail, ficha de inscrição, formulários, cartão postal, postagens de redes sociais e tantos outros.

Ainda como justificativa para a utilização de gêneros como objeto de ensino-aprendizagem, é importante dizer que esta se apresenta como uma alternativa para nortear um trabalho em sala de aula que não seja tradicional – com enfoque no desenvolvimento apenas da estrutura da língua. Cabe ressaltar aqui que o enfoque do ensino de línguas, nos dias de hoje, tem como concepção a linguagem como atividade social, histórica e

cognitiva, e, portanto, condizente com a perspectiva do ensino ancorado na análise de diferentes gêneros textuais (Arruda, 2015, p. 141).

No entanto, mesmo que haja um cuidado em dotar os manuais e as ementas de uma profusão de gêneros, os textos literários parecem ainda estar ausentes dessa longa lista. No trabalho apresentado sobre a presença do texto literário:

em manuais para o ensino de FLE originou-se de uma inquietação alimentada pela vivência de sala de aula, ao percebermos que muitos alunos, apesar do interesse pela literatura, só têm contato com esse texto rico em significados, ao frequentar o curso de literatura na graduação de Letras/Francês (Mariz, 2008, p. 96).

A análise feita em sua publicação ajuda-nos a evidenciar o que se manifesta como uma percepção comum aos docentes de língua estrangeira. Em geral, quando a literatura aparece, ela está atrelada aos níveis mais avançados, pois há uma visão comum de que esses textos são mais difíceis de compreender.

A autora também elucida a origem dessa mudança, ao explicar que, até os anos de 1950, “o ensino de literatura francesa era sinônimo de refinamento e elegância, e privilegiava o ensino das *Belles Lettres*” (Mariz, 2007, p. 20). Já nos anos 1970 e 1980, os textos de literatura:

se tornaram meros suportes para exercícios gramaticais, chegando, assim, à sua banalização. Nos últimos anos, tem havido uma preocupação maior em atingir um ponto de equilíbrio: nem o sacro dos anos 50, nem o banal dos anos 70 e 80 (Mariz, 2007, p. 20).

Diante desse panorama, devemos manter nosso compromisso de reforçar que língua e literatura estão sempre juntas e não numa relação dicotômica, em que haveria uma cisão entre ambas e, conseqüentemente, uma querela entre esses dois termos.

Por isso, precisamos reforçar a importância da literatura não somente no ensino de línguas, de modo geral, como também, especificamente, no ensino de práticas de leitura em francês - o que aqui chamamos de FI. No texto *Língua e literatura: uma falsa dicotomia*, Beth Brait traz uma importante contribuição para o debate em torno da relevância do texto literário

Quem aprende com a literatura, quem trabalha com a literatura, quem ensina literatura e quem desfruta o prazer e o conhecimento que ela pode trazer, naturalmente está constitutivamente ligado à língua. Como separar as duas coisas em Guimarães Rosa, em Camões, em Clarice Lispector,

para ficarmos somente em três dos inúmeros manejadores de línguas, que as fazem aparecer de novo, como novas e nunca utilizadas como tal? Como estudar língua sem buscar nos inúmeros gêneros aquele que parece apropriar-se de todos os demais? (Brait, 2000, p. 189)

Por meio de tal citação, reiteramos que cindir língua e literatura não é uma estratégia interessante para a aprendizagem. Afinal, o leitor tende a se beneficiar quando língua e literatura se encontram.

3 LETTRES À UNE NOIRE, DE FRANÇOISE EGA: UM IMPERATIVO

Françoise Marcelle Marie Vitalline Modock, nascida em 27 de novembro de 1920, na cidade de Case Pilote, na Martinica (Siqueira, 2022), mudou-se para a França à época da Segunda Guerra Mundial. Lá, casou-se com o militar Franz Ega, um martinicano que havia conhecido em seu país natal. Com ele, teve cinco filhos e, após tentativas frustradas de arrumar emprego como datilógrafa, passou a trabalhar como empregada doméstica em Marselha. Sua vida poderia perfeitamente caber nesse resumo se ela não tivesse decidido lutar pelo que acreditava e contar o que sentiu e viveu e, desse modo, fazer sua história transbordar nas páginas que escreveu.

Madame Ega, ou melhor, Mam'Ega², trabalhou nas casas de Marselha e fez disso mais do que um trabalho, transformou-o num laboratório social, num viveiro de escrita. E não bastou apenas sua experiência; ao ouvir as histórias das demais faxineiras vindas de fora da França metropolitana, ficava indignada. Em sua escrita de 8 de setembro de 1962, ela diz murmurar com os lábios, mas gritar em sua cabeça:

Será isto o tráfico de escravos? Será que o tráfico de escravos está recomeçando? Meu Deus, diga-me que estou exagerando! Meu Deus, diga a essas moças que chegam aos montes no Havre, Cannes ou Marselha: “Quo vadis?” Diga-lhes isso, então, para trazer paz à minha alma (Ega, 2025, p. 183)³.

Françoise Ega cumpria um papel de conselheira para essas mulheres, que via como irmãs e com quem insistia na necessidade de se imporem perante seus patrões. Sua sororidade era extensa e não se limitava a quem vinha das Antilhas, chegava também às jovens oriundas de outros lugares, como da Guiana Francesa, por exemplo, trazidas para servir de mão de obra barata, e a quem mais ela percebesse como alguém necessitado.

² Oriundo de madame Ega, epíteto frequentemente usado por seus assistidos. Posteriormente, o apelido serviria de inspiração para nomear a associação que até hoje se empenha em continuar o trabalho feito por Françoise Ega.

³ Todas as traduções aqui utilizadas são de minha autoria. No original: “Est-ce la traite? Est-ce la traite qui recommence? Mon Dieu, dites-moi que j'exagère! Mon Dieu, dites à ces filles qui arrivent par pleins bateaux au Havre, à Cannes ou à Marseille, “Quo vadis ?” Dites-leur donc cela, pour donner la paix à mon âme”!

Antes da vinda dessa população das antigas colônias francesas para a França metropolitana, algumas mulheres da Bretanha ocupavam esse papel de faxineira. Eram chamadas de “bonnes (à tout faire)”, tradução de “boas (para fazer tudo)”, ou seja, uma espécie de “ajudante faz-tudo”. A partir do momento em que essas jovens chegaram, os lares passaram a ser ocupados por mulheres negras, mudando, assim, a configuração social e racial desse espaço. Essa mudança, carregada de tensões, foi relatada com frequência por Ega:

Desde que Bécassine parou de vir da Bretanha, Doudou tomou seu lugar; você pode encontrá-la nos cantos mais inesperados da França [...], tenho uma prima solteirona, uma velha boba, que foi transferida para a fronteira dos Pirineus [...]. Quando vai para a aldeia, todas as crianças a seguem, verdadeiras selvagens, ela me escreve (Ega, 2025, p. 183)! ⁴

Cabe aqui explicar o contexto. Bécassine é uma personagem bretã, uma empregada doméstica jovem e ingênua (Chanas, 2023, n.p.), que passa a ser substituída por uma mão de obra mais barata, ou seja, uma *Doudou* - uma referência às mulheres antilhanas (Dictionnaire de l'Académie Française, 2026). Como notamos, o deslocamento da população das Antilhas até o Hexágono é permeado por uma relação baseada nas diferenças raciais. As novas empregadas passam a receber olhares de julgamento, através da lente da excentricidade, que olha o Outro não somente como o diferente, mas também como uma aberração.

Esses e outros relatos trazidos pela autora são contundentes e perpassam também a história do Brasil. Ao ouvi-los, associamos cada um deles ao nosso passado escravocrata, que deixou suas marcas na configuração social do país e que permitiu o nascimento da obra de Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*, publicada pela primeira vez em 1960.

Carolina Maria de Jesus, mineira, nascida em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, mudou-se para a capital de São Paulo e, lá, passou a catar e a vender materiais recicláveis para sustentar a si e a seus três filhos. Como forma de não sucumbir às agruras da vida, escrevia. Fazia do papel um bem precioso; não somente porque o vendia, mas também porque deixava de vendê-lo para ali registrar em silêncio as dores que nela gritavam. Após sua descoberta por um jornalista que

⁴ “Pourtant, Carolina, depuis que Bécassine ne descend plus de Bretagne, Doudou a pris la relève, on la trouve dans les coins les plus inattendus de France. Ainsi, moi qui te parle, j'ai une cousine vieille fille et sottie qu'on a placée sur la frontière pyrénéenne, elle le sens passer. Quand elle va au village, tous les gosses la suivent, des vrais sauvages, m'écrit-elle” !

visitava a favela do Canindé, Audálio Dantas, sua obra se espalhou. Porém, o país que serviu de inspiração para seus cadernos não soube à época valorizar sua obra tal qual deveria, por não conseguir reconhecer seu potencial literário, sob a justificativa de que sua forma de escrever era inapropriada (César; Alves; Reis, 2023).

Na contramão disso, a publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* não se restringe somente ao Brasil, chegando a inúmeros países, nos mais variados idiomas. Após seu sucesso na França, uma reportagem feita no jornal *Paris Match* (edição n.º 682, 05/05/1962) tem um efeito catalisador sobre a vida de Françoise Ega (Flores, 2023, n.p.). É pelo jornal que acontece o encontro com a autora latina, que viveu a segregação social e racial em seu país de origem. E é mais do que uma simples descoberta, é verdadeiramente um encontro, pois Françoise se sente como se tivesse achado uma confidente, uma interlocutora capaz de entendê-la e passa a escrever seus relatos dirigindo-se a ela.

É a partir desse ponto que sua obra nos interpela. O livro *Lettres à une Noire* começa em maio de 1962, com uma resposta ao que mais parece uma conversa entre Carolina e Françoise: “Pois, sim, Carolina, as misérias dos pobres do mundo todo se parecem, como irmãs” (Ega, 2025, p. 13)⁵. A conexão fluida e quase consanguínea que a martinicana estabelece com a brasileira é reveladora de uma situação de opressão que não se restringe apenas ao contexto brasileiro. Muito pelo contrário: ele também pode ser sentido em outros cantos do globo, dependendo da origem e dos fenótipos do indivíduo. A segregação racial e social que Mam’Ega presencia e denuncia faz seu livro dialogar de modo contundente com o famoso *Quarto de despejo* que Carolina de Jesus escreve, ainda que este não tenha sido lido: “as pessoas te leem por curiosidade; quanto a mim, nunca vou te ler; tudo o que você escreve, eu já sei” (Ega, 2025, p. 13)⁶. Ao ler sua história de vida na reportagem, Françoise se lê, e a tantas outras por quem luta, mas admite que já conhece o enredo, mesmo sem poder ler sua obra, pois o trabalho extenuante de faxineira e o papel de mãe não a deixam tempo livre o suficiente para tal.

Diante desse elo criado entre duas mulheres negras, periféricas e que trazem no bojo a escrita literária como estratégia para viver - e não apenas sobreviver -, enxergamos um imperativo: o de compartilhar tal ligação. Portanto, enquanto

⁵ “Mais oui, Carolina, les misères des pauvres du monde entier se ressemblent comme des soeurs”.

⁶ “On te lit par curiosité, moi, je ne te lirai jamais ; tout ce que tu as écrit, je le sais”.

professores desejosos de uma educação transformadora e plena de sentido, acreditamos que, em sala de aula, a obra *Lettres à une Noire* vai muito além de ser um instrumento de ensino do francês e traz uma reflexão importante, conforme abordaremos a seguir.

3.1. Carolina e Françoise: a construção de outros símbolos através da leitura

Existem muitas formas de ensinar uma língua. Uma delas é ensiná-la a partir de um ideal não somente francês, como especificamente parisiense, tendo como referência, dentre outros elementos, a Torre Eiffel. Ele simboliza fisicamente aonde queremos chegar com nossa aprendizagem; em outras palavras, trata-se de um símbolo da aprendizagem linguística, um ideal que parece permear o senso comum. Essa ideia compartilhada socialmente nos traz como consequência um desejo de conhecer esse e outros símbolos, pois - de maneira acrítica - são sempre associados a algo positivo, mesmo reconhecendo que tal estratégia pode surtir o efeito inverso, e colaborar para nos afastar radicalmente dele, ao nos darmos conta de que essa realidade não se parece com a nossa, inclusive à dos estudantes.

Existem muitas formas de ensinar uma língua. Uma delas, é ensiná-la a partir de um ideal não somente francês, como especificamente parisiense, tendo como referência, dentre outros elementos, a Torre Eiffel. Ele simboliza fisicamente aonde queremos chegar com nossa aprendizagem; em outras palavras, trata-se de um símbolo da aprendizagem linguística, um ideal que parece permear o senso comum. Essa ideia compartilhada socialmente nos traz como consequência um desejo de conhecer esse e outros símbolos, pois, de maneira acrítica, são sempre associados a algo positivo.

Enquanto seres humanos, nossa forma de se relacionar, de entender e de se fazer entender é permeada por inúmeras representações, por isso cabe aqui aproveitar o ensejo da imagem da torre e o que sua história nos diz. Após ela ter servido de expressão de progresso e suntuosidade, seria necessário desmontá-la, afinal, ela não tinha uma função prática. Para evitar que fosse retirada dali, ganhou uma funcionalidade: passou a servir de antena de rádio, tendo por objetivo a difusão e a captação de mensagens, algo ainda mais útil em tempos de guerra (LEMOINE, 2020, n.p.).

Essa história chama a atenção para o fato de que até mesmo determinados símbolos - hoje consolidados e largamente difundidos - foram ressignificados ao longo do tempo.

Da mesma maneira que essa construção se mantém de pé até hoje, graças ao apelo dos que lutaram para tal, é preciso trabalhar na elaboração de outros ícones. Em um paralelo, a obra de Françoise Ega é valiosa, mas o valor dela só estará à altura de sua importância à medida em que sua relevância for difundida. Seu reconhecimento seria, então, uma consequência. Não por acaso, simbolicamente, a torre e a escritora cumprem seu papel não somente estético, como igualmente social, de transmitir e receber mensagens e, no caso de Françoise Ega, difundir sobretudo as que ninguém quer ler.

Do mesmo modo, nosso propósito é atribuir ou reforçar o sentido da obra da autora, entendendo que cada um de nós é uma antena, que comunica algo, e comunica até mesmo através do silêncio. Por isso, trouxemos-na para comunicar aos alunos sua história por meio de sua interlocução com Carolina. Esperamos, então, que, da parte dos alunos, essas mensagens retornem na mesma frequência, contando-nos suas experiências de vida, podendo partir do leitmotiv que perpassa a escrita de ambas as autoras - as condições degradantes a que são submetidas mulheres negras e periféricas, bem como a necessidade de escrever. Para além disso, deixamos o caminho aberto, como na obra de ambas, para nos perguntarmos: para além das mazelas, que outros momentos de prazer é possível descrever?

Queremos trazer para a sala de aula de ensino de francês esse encontro de mulheres que transmutaram o que viveram: as dificuldades de ambas se transformaram em escrita literária. Portanto, apresentar a relação existente entre essas duas obras é um imperativo pedagógico. Ao propormos um ou uma autora em sala, dizemos ao nosso aluno que aquele conteúdo é importante. Ao sugerir trechos do livro de Ega, reafirmamos a relevância de Carolina de Jesus e expomos as tantas conexões existentes entre as duas.

Diante disso, surge um outro fio dessa tessitura: o da relevância da escrita de si. Se tais autoras tivessem silenciado o que sentiam e viviam, se sua indignação não tivesse encontrado o papel, eles jamais teriam existido tal qual existem hoje para nós; este trabalho estaria sendo feito sobre outro assunto. Pois é exatamente esse aspecto que queremos reforçar em sala de aula, a importância de ler pessoas que escreveram situações que vêm ao nosso encontro.

Essa percepção traz para o debate uma ideia de pertencimento, que nos impulsiona a não só lermos essas histórias como também a falar e a escrever sobre elas. Não significa, entretanto, que almejamos elaborar atividades específicas com tal intuito. Nossa intenção é levantar apenas um questionamento sobre a relevância da escrita de si. Um dos nossos objetivos com a abordagem de *Lettres à une Noire* é também que a gente se veja tanto no papel de Carolina, a quem se destina a obra, quanto no de quem lhe escreve.

Vemos que somos plurais em nossos muitos papéis e se, até então, o papel de escritor era normalmente concedido a uma ínfima parcela da população, essas narrativas sobre si nos fazem lembrar que podemos, nós também, contar nossa história, e que ela arrisca sempre cruzar com outras.

Quando se trata de escrever sobre si mesmo, o uso da intertextualidade para construir uma identidade literária parece abranger não apenas as múltiplas definições dessa prática literária (...), mas também se aproxima da ilustração do discurso pós-moderno, que oferece a mesma representação como construção social e cultura. A internalização de uma biblioteca, e também de normas ou mesmo da História (...), parece nos levar a ver a escrita de si como necessariamente intertextual, em graus variados, certamente, ou seja, como uma construção cultural do eu através da escrita, uma colagem de elementos, percepções e escolhas narrativas, dependendo do contexto de escrita e recepção. (Gauvreau, 2020, p. 180)

Isto posto, se a escrita de si é uma colcha de retalhos, costurada de intertextualidades, ela nos remete à ideia de construção social, um tema basilar na obra de ambas autoras. No entanto, quem escreve, lê, e quem lê algo com que se identifica, torna-se um escritor em potencial. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar que, ao trazer Françoise Ega, trazemos também Carolina, assim como trazemos as avós que trabalharam como domésticas, as mães que já passaram por essa função e, talvez, algumas alunas e alguns alunos que já tiveram a mesma experiência. Lembremo-nos: o curso de graduação do Colégio Pedro II, contexto para o qual foi pensada a proposta pedagógica apresentada a seguir, é um curso noturno, numa região periférica e, comumente, frequentado por pessoas mais velhas. Assim, esperamos que esse aluno se leia na escrita do Outro, que ele se identifique nessa colcha de panos cosidos lado a lado e que, quem sabe, almeje um dia emendar ali seus próprios retalhos. Mas lembramos: cabe-nos aqui somente iniciar a reflexão, sem reivindicar sua prática; trata-se de uma provocação pedagógica.

3.2. Conhecendo Mam'Ega em sala de aula: uma proposta de atividade

Em primeiro lugar, é preciso considerar que nenhuma proposta de atividade tem por objetivo esgotar todas as abordagens de um assunto, em sua totalidade, pois isso seria impossível. Pretendemos, simplesmente, mostrar um assunto e trabalhá-lo através de um exercício elementar, podendo ser usado no contexto de uma sala de aula de alunos de graduação, durante a aula de leitura em língua francesa - ou, conforme o escopo deste trabalho, na aula de FI.

Em segundo lugar, o trabalho não tem por objetivo explorar os pormenores do texto escrito. Almejamos, antes de qualquer coisa, mostrar a potência da autora e de seu texto. Depois, pretendemos fazer um exercício que trabalhe o texto de modo global, reforçando em sala de aula a ideia de que ler, sobretudo em outra língua, não implica compreender cada palavra lida. Sendo assim, faz parte da abordagem da aula trabalhar no aluno que é possível fazer uma atividade em língua portuguesa estando o texto base em francês. Em alguns casos, inclusive, é comum certos alunos terem resistência diante de uma leitura que lhes causa estranheza num primeiro momento.

Porém, nosso objetivo - enquanto professores numa disciplina que não mostra, nem ensina o idioma de forma minuciosa; que não começa por assuntos elementares e, progressivamente, ensina outros mais complexos - é lapidar a maturidade do estudante diante da frustração de não entender tudo o que se lê numa língua nova, mostrando que isso não significa, automaticamente, não entender nada do texto. Em outras palavras, trata-se de nos perguntarmos: o que entendemos mesmo quando não entendemos tudo?

Em terceiro lugar, cabe perceber que este exercício está situado dentro de uma aula com duração de, aproximadamente, uma hora e trinta minutos a duas horas. Inicialmente, faremos uma sensibilização, analisando capas de, pelo menos, duas edições dos livros *Lettres à une Noire*, de Françoise Ega, e *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Em seguida, usando uma apresentação digital dividida por *slides*, serão contextualizadas a vida e a obra da autora martinicana, compartilhando previamente alguns trechos de *Lettres à une Noire*, capazes de situar minimamente o leitor em relação ao conteúdo e à forma de sua escrita. Por último, lançaremos mão da sequência de exercícios seguintes:

1) Leia individualmente a coluna da esquerda, contendo trechos do livro *Lettres à une Noire*, de Françoise Ega. Em seguida, tente relacionar cada um dos trechos à sua respectiva tradução, à direita. Atenção: há uma frase a mais em francês!

1. *Carolina, on dit que l'avenir appartient à ceux qui se réveillent matin. Je me suis toujours réveillée matin, car pour les pauvres se réveiller matin, ce n'est pas une question d'avenir, mais d'actualité.* (p. 29)

2. *“Mon mari est mort il y a quelque temps, le canari qui était dans la cage aussi ! Pensez, ils ont été asphyxiés lentement par les gaz qui pénètrent dans le soupirail ! Aucune plante ne peut résister et les fleurs fanent vite quand par hasard j'en achète !”* (p. 139)

3. *“Est-ce votre place ici?” Mais où donc est ma place ? Chez la dame je n'ai pas de place ! Je suis et je resterai étrangère, à cause de ma peau, et ici, parmi les nègres, on me dit que ce n'est pas ma place, parce que je suis bonne ! Si je pars pour la rue Thubaneau, peut-être serai-je mieux vue !* (p. 194)

4. *J'ai fini mon premier cahier et j'exulte ; Carolina, savoir réunir des mots, en faire des phrases et pouvoir les lire (...). Cela donne une impression incroyable de soulagement.* (p. 24)

5. *Le plus pénible, je crois, pour une femme de ménage, c'est l'odeur de la vie des autres.* (p. 24)

6. *“Quand on a été bonne à tout faire, on est vacciné pour tous les événements de la vie future, car c'est là qu'on arrive à se dépouiller le plus aisément de toute prétention à la dignité humaine, on est une chose, comme ou balai ou un réfrigérateur ! C'est à me dégoûter, si un jour je suis riche, de prendre des bonnes, de peur de devenir comme ces femmes qui pourtant se disent chrétiennes !”* (p. 192)

[] A coisa mais dolorosa, creio eu, para uma faxineira, é o cheiro da vida alheia.

[] Carolina, dizem que o futuro pertence àqueles que acordam cedo. Eu sempre acordei cedo, porque, para os pobres, acordar cedo não é uma questão de futuro, mas de atualidade.

[] Terminei meu primeiro caderno e estou extasiada; Carolina, saber juntar palavras, formar frases com elas e poder lê-las (...). Dá uma sensação incrível de alívio.

[] “Meu marido morreu há algum tempo, e o canário na gaiola também! Imagine, eles foram sufocados lentamente pelos vapores que entram pela ventilação! Nenhuma planta resiste e as flores murcham rapidamente quando, por acaso, compro algumas!”

[] “Este é o seu lugar aqui?” Mas onde é o meu lugar? Na casa da minha patroa não é! Sou e sempre serei estrangeira por causa da cor da minha pele, e aqui, entre os negros, me dizem que este não é o meu lugar porque sou empregada doméstica! Se eu for para a Rua Thubaneau*, talvez seja melhor recebida!

*famosa rua de Marselha, conhecida por ter sido local de prostituição

2. Após o trabalho individual, compartilhe com os colegas suas respostas e comparem-nas. Que estratégias vocês usaram para chegar a tais conclusões?

3. Observe os trechos em francês. Considerando que o livro tenha sido escrito em primeira pessoa, contando as histórias vividas por Françoise Ega, diga:

a. Quais deles estão entre aspas? _____

b. Por que esse recurso teria sido usado? _____

4. Observe as palavras abaixo, extraídas do exercício 1, e encaixe-as nas colunas abaixo.

*dans la cage - toujours - il est mort - elles fanent - ils se réveillent - dans le soupirail -
ici - j'ai fini*

AÇÃO	LUGAR	TEMPO

5. No trecho “ces femmes qui **pourtant** se disent chrétiennes”, a palavra em negrito pode ser substituída somente pelo vocábulo:

a) por isso b) portanto c) por tanto d) no entanto

6. Retire do texto duas palavras ou expressões que são consideradas falsos amigos, ou falsos cognatos. _____ e _____

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de uma língua estrangeira traz comumente consigo uma máxima: a importância da leitura no processo de aprendizagem. Ela nos permite mergulhar por conta própria no universo do meu outro, através dos códigos e símbolos que sua cultura convencionou chamar de língua. Por isso, este trabalho se propôs a abordar, especificamente, o ensino do francês enquanto língua instrumental, auxiliando-nos a compreender a realidade do Outro através de textos escritos.

A tarefa de ler, apesar de importante, pode encontrar alguns entraves, como a dificuldade de compreensão de outra língua. Além disso, ela é capaz de deflagrar dificuldades anteriores, que existem no momento da compreensão de textos na própria língua materna. Dependendo da extensão vocabular de um aluno, o grau de dificuldade dos exercícios pode aumentar ou diminuir. Algo que pode ajudar na compreensão de uma terceira língua é o acesso prévio a outras línguas estrangeiras, uma realidade que nem sempre é compartilhada pelos alunos.

Ao propor desenvolver uma sequência pedagógica a ser implementada na aula de FI, temos em sala um perfil de aluno que passou por um crivo, o da prova de ingresso nos cursos universitários. Tal exame conta, inclusive, com prova de leitura em língua estrangeira, não sendo necessariamente o francês. Este é, portanto, o ponto de partida comum ao perfil dos alunos dos cursos de compreensão leitora em língua estrangeira. A partir dele, não se pode determinar o nível de aptidão ou embaraço do aluno ingressante e essa particularidade do curso foi decisiva no momento de escolher o *corpus* deste trabalho.

Entregar-se à ideia de desenvolver atividades com um público heterogêneo, que não está de acordo com um nível linguístico sugerido por um padrão pretensamente bem delimitado, configura um desafio estimulante para o professor. Vemos aí uma situação fortuita para a construção do conhecimento de maneira não tão linear, num ambiente em que cada um e cada uma acrescentam um ponto a ser considerado, respeitando o fato de que, talvez, alguns acrescentem mais que outros, quanto a um determinado assunto, mas todos podem contribuir, dentro de suas possibilidades. Assim, a aprendizagem caminha conforme o ritmo da sala de aula.

No momento de escolher os temas e os gêneros a serem abordados ao longo turmas de compreensão leitora em francês é de suma relevância ter consciência do público alvo e levar em conta o contexto social dos alunos. Já é sabido que o Brasil,

país colonizado e de dimensões continentais, sofre com diversas formas de desigualdade; por isso, é preciso estar atento ao meio do qual os estudantes são oriundos e os espaços por onde circulam.

Para além disso, entendemos que, a fim de melhor compreender os variados gêneros textuais, idealizamos abordar um número considerável entre eles. Dentre as opções, acreditamos que abordar o texto literário é de suma importância para o desenvolvimento da capacidade leitora do estudante. Além disso, também configura uma atividade pertinente para a construção social do aluno, tendo em vista o teor e a forma dos textos.

Por isso, defendemos nestas linhas a apresentação do livro *Lettres à une Noire*, da autora martinicana Françoise Ega, com o intuito de lapidar a compreensão em francês em aula, mas não somente. Intentamos igualmente mostrar um pouco de sua vida e sua obra, para, em seguida, manifestar sua relação com a escritora brasileira Carolina de Jesus.

Isto posto, é preciso salientar que, dentro do escopo da lei 11.645/08, está previsto, em caráter obrigatório, o ensino da cultura e da história afro-indígena nas escolas brasileiras. Sendo assim, trazer para a sala o livro *Lettres à une Noire*, de forma direta, sendo trabalhado com os alunos, e o livro *Quarto de despejo*, de forma indireta, sem tratá-lo nas atividades por escrito, é um meio de abordar temas muito caros à nossa sociedade, que devem ser introduzidos na escola. Ainda que a lei não preveja a mesma obrigatoriedade no ensino superior, como fazê-lo enquanto professores se não temos formação específica? Destarte, ter contato com esse conhecimento constitui uma necessidade também do futuro professor que está em formação.

Por fim, desejamos que a obra de Françoise Ega encontre eco entre os alunos e que, de algum modo, movimente-os em direção à aprendizagem do francês, reconhecendo que é totalmente possível acessar esse conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcella dos Santos. Bulletin de Français Instrumental (1988-1991) e a legitimação do francês no campo universitário. *In: Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), 47(2), 411–424. <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1932/1375>. Acesso em: 10 mar. 2026
- ARRUDA, Climene Fernandes de Brito. O ensino de LE por meio de análise de gêneros textuais: benefícios e dificuldades. *In: Gêneros textuais: o que há por trás do espelho*. <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/generos-textuais-o-que-ha-por-tras-do-espelho.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2026
- BRAIT, Beth. Língua e literatura: uma falsa dicotomia. *Revista da Anpoll*, v.1, nº 8, p.187-206. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i8.355>. Acesso em: 13 nov.. 2025
- BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 17 mar. 2026
- CÉSAR, Waldimiro Maximino Tavares; ALVES, Elis Regina Fernandes; REIS, Gabriela Gomes. Feminismo, Interseccionalidade e Decolonialidade no Diálogo Entre Quarto de Despejo e Cartas a uma Negra. *In: Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 28, p. 01–20, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/93896>. Acesso em: 05 out. 2025
- CHANAS, Céline. *Bécassine et l’émigration bretonne*. Les Champs Libres. 21 de mar. 2023. Disponível em: <https://www.leschampslibres.fr/le-mag/a-lire/becassine-et-lemigration-bretonne>. Acesso em: 17 mar. 2026
- COLÉGIO PEDRO II. Pró-reitoria de Ensino. Coordenação de Graduação. Credenciamento de docente para as Licenciaturas Integradas em Humanidades. **Anexo IV – Ementas das disciplinas: Francês**. Chamada interna n. 0003/2022 CGRAD / PROEN, p. 2, 2022.
- COSTA, Heloisa Brito de Albuquerque. Des cours de français sur objectifs spécifiques en milieu universitaire : du Français Instrumental (FI) au Français sur Objectif Universitaire (FOU) à l’École Polytechnique de l’Université de São Paulo (USP). *In: Synergies Argentine*, La Plata (Argentina), n. 3, p. 11-23, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002776377>. Acesso em: 11 fev. 2026
- DEZERTO, Felipe. O Français Langue étrangère e a redistribuição internacional do ensino de Francês: o caso do Brasil. Rio de Janeiro. *In: Matraga*, v. 23, n. 38. 2016. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/21206/18159>. Acesso em: 04 ago. 25
- DOUDOU. *In: Dictionnaire de l’Académie française*, 9e édition (actuelle), Dicionário Online de Francês. Académie Française, 9ª ed., atual. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9D3148>. Acesso em: 17 mar. 2026

EGA, Françoise. **Lettres à une Noire**. Prefácio de Daniel Pennac, posfácio d'Elsa Dorlin. Paris: Gallimard, 2025.

FALEIROS, Rita Jover. Francês instrumental: por uma precisão terminológica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE FRANCÊS, 15. 2005, Belo Horizonte. Plurilinguismo e identidade cultural. **Actes du XV Congrès Brésilien des professeurs de français**. Belo Horizonte: Associação de professores de francês de Minas Gerais, 2005, v.1. Disponível em: https://fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/f/rita_jover_faleiros.pdf. Acesso em: 05 jan.2026

FALEIROS, Rita Jover; PIETRARÓIA, Cristina Casadei. Leitura: questões, incongruências e tabus. *In*: **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, 6 (1), 2007. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/27449>. Acesso em: 05 jan. 2026

FLORES, Élio. **Diários e cartas: escritivências de autoras negras**. Brasil de Fato, Paraíba, 21 de mar. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/historia-publica-narrativas-negras/2023/03/21/diarios-e-cartas-escrivencias-de-autoras-negras/>. Acesso em: 15 mar. 2026

GAUVREAU, Laurence. L'écriture de soi, une écriture de l'Autre ? *In*: **Voix plurielles**, 17(1), 171–181, 2020. <https://doi.org/10.26522/vp.v17i1.2479> Acesso em: 10 ago. 2025

LEMOINE, Bertrand. **Comment la radio a sauvé la Tour Eiffel ?** La Tour Eiffel. 3 de fev. 2020. Disponível em: <https://www.toureffel.paris/fr/actualites/130-ans/comment-la-radio-sauve-la-tour-eiffel>. Acesso em: 15 mar. 2026

MARIZ, Josilene Pinheiro. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-05052008-114942/publico/TESE JOSILENE PINHEIRO MARIZ.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2026

MARIZ, Josilene Pinheiro. **O tratamento do texto literário nos manuais para o ensino de Francês Língua/Literatura Estrangeira (FLLE)**. Ariús, Campina Grande, v. 14, n. 1/2, p. 95–102, jan./dez. 2008. https://www.ch.ufcg.edu.br/sites/arius/01_revistas/v14n1-2/09_arius_v14_n1-2_ot2_o_tratamento_do_texto_literario_nos_manuais_para_o_ensino_de_frances_lingua_literatura_estrangeira.pdf. Acesso em: 04 mar. 2026

SIQUEIRA, Samanta Vitória. **Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus e Cartas a uma negra, de Françoise Ega: uma literatura amefricana**, 2022 Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241769> Acesso em: 20 set. 2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. **Programa para os cursos 2º Semestre de 2025**
<https://clinguas.fflch.usp.br/sites/clinguas.fflch.usp.br/files/2025-05/Programa%20Curso%20Pr%C3%A1ticas%20de%20leitura%20em%20l%C3%ADngua%20francesa%201%20.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Casa de Cultura Francesa**. Compreensão Leitora 2026.1. <https://casasdeculturaestrangeira.ufc.br/pt/casa-de-cultura-francesa/compreensao-leitora/>. Acesso em: 15 fev. 2026